

# A natureza leiga da psicanálise<sup>1</sup>

Cláudia Aparecida Carneiro<sup>2</sup>

Resumo: A autora propõe uma discussão a partir do comentário do seminal trabalho de Freud de 1926, *A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial*, para sustentar a ideia de que a psicanálise é leiga em sua natureza. Para isso, utiliza proposições de Freud, Bion e de Muniz de Rezende para traçar uma linha divisória entre o pensamento científico formal e o pensamento psicanalítico. Recorre a vários exemplos da história do movimento psicanalítico internacional e brasileiro, particularmente a história de Virgínia Leone Bicudo, psicanalista leiga e pioneira, que deixou precioso legado para a difusão e desenvolvimento da psicanálise no Brasil. A autora sugere que, sem as preconcepções do saber produzido nos cursos de medicina e psicologia, o analista, leigo por natureza, traz consigo maior possibilidade de abertura para a lógica do inconsciente.

Palavras-chave: análise leiga, saber leigo, lógica da psicanálise, Virgínia Leone Bicudo

Proponho uma discussão sobre a *questão da análise leiga*, tendo como referência o texto de Freud de 1926, que leva esse nome, e partindo da seguinte reflexão: existe uma psicanálise que não seja leiga? Freud inaugurou uma nova forma de pensar o humano, ao inventar uma forma inédita de relação humana, diferente de todas as demais. Essa *nova forma de conhecimento* se distancia dos saberes prévios do modelo científico e surge na experiência analítica, campo do saber do inconsciente. Um saber advindo da experiência emocional só pode ser leigo por natureza.

1 A versão original deste trabalho está publicada com o título “Psychoanalysis is lay in its essence” como capítulo do livro *On Freud’s “The question of lay analysis”*, editado por Paulo Cesar Sandler e Gley Pacheco Costa, pp. 192-214. Routledge, London and New York, 2019.

2 Membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSB).

Apresentarei algumas ideias para sustentar esta afirmação, mas é apropriado, antes, distinguir o uso corrente do termo “leigo” do significado atribuído por Freud. Leigo designa a pessoa que não possui conhecimento profundo sobre determinada área ou assunto. Freud (1926) abre seu texto *A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial* explicando que “leiga” significa “não praticada por médicos”. Na Viena daqueles tempos, a classe médica alegava uma razão prática para se posicionar radicalmente contra o exercício da psicanálise por não-médicos: evitar danos ao paciente. Esta alegação ainda é usada em meios psicanalíticos nos países em que o Estado ainda não se apoderou de instrumentos para regulamentar a prática da psicanálise.

Freud opôs-se frontalmente àquela forma de controle e fez uma defesa vigorosa da análise leiga, sugerindo, já no início de seu texto, que “pode suceder que os doentes, neste caso, não sejam como outros doentes, que os leigos não sejam propriamente leigos e que os médicos não ofereçam exatamente aquilo que se espera dos médicos” (1926/2014, p. 126).

O termo “leigo” é usado atualmente para designar não-médicos e não-psicólogos. Ainda se levantam dúvidas, em parte de nossas instituições, sobre a capacidade de profissionais não-médicos e não-psicólogos de se tornarem psicanalistas e atenderem às condições específicas exigidas pelo ofício.

Não é tão simples responder à indagação sobre quem tem legitimidade para decidir se o analista dito leigo está apto ou menos capacitado do que um profissional médico ou psicólogo a praticar a psicanálise e a trabalhar com seu paciente. Freud sabia o quão refutáveis poderiam ser as ideias de quem enfrenta um saber dominante e essas considerações o levaram a criar um texto revolucionário, escrito em apenas um mês, para se posicionar em favor da liberdade da psicanálise em relação a modelos dogmáticos, situando aquele novo método de tratamento do sofrer psíquico.

Freud escreveu “A questão da análise leiga” em defesa de seu amigo e discípulo Theodor Reik, membro não-médico da Sociedade Psicanalítica de Viena, acusado em 1926 de exercício ilegal da medicina por praticar tratamentos psicanalíticos. Com sua genialidade, ele convoca no texto um interlocutor imparcial – um juiz – e cria um diálogo

entre os dois, explicitando, ao longo do texto, a natureza dos processos psíquicos, as doenças da alma que afligem a pessoa, o que vem a ser o trabalho de análise e as condições para que ele ocorra. Assim, induz o leitor a assimilar o que há de original e subjetivo nessa *nova forma de conhecimento do humano*, distinta dos modelos científico e filosófico, embora mantenha com estes uma relação de respeito e cooperação.

A defesa sustentada por Freud pode ser assim resumida: aquele que se submeteu à análise com um outro e adquiriu um saber sobre seu inconsciente não é mais um leigo para a psicanálise. Com isso, Freud nos direciona para a condição indispensável requerida a alguém que deseja tornar-se analista: o psicanalista se forma a partir de sua própria experiência de analisando. Constatamos sua posição indiscutível sobre a imprescindibilidade da análise do analista, distanciando o saber prévio, gerado no campo científico, daquele que só pode surgir na experiência analítica. Trata-se de um saber regulado pelas leis do inconsciente, pela presença de resistências que trabalham para barrar o acesso ao reprimido, mas que tendem a ceder à medida que a análise avança. Saber que é gestado no campo da transferência, motor do processo analítico, e que nos revela que não podemos ter um conhecimento prévio sobre a pessoa que nos procura.

Essa *nova forma de conhecimento*, ou seja, a compreensão dos processos inconscientes e o acesso a um outro saber que emerge na situação analítica, implica um treinamento específico do futuro analista, que constitui o chamado tripé da formação: instrução teórica, prática clínica com supervisão e análise pessoal designada didática. O aprimoramento do analista prossegue no contato com o pensamento dos diversos autores, no intercâmbio com colegas, nas atividades científicas. O conjunto da obra ajuda a pensar a clínica e é ressignificado por ela.

Freud diz textualmente ao seu interlocutor: quem passou por essa aprendizagem, foi ele próprio analisado, compreendeu a psicologia do inconsciente e aprendeu a técnica da psicanálise, a arte da interpretação, o combate às resistências e o manejo da transferência, *esse não é mais um leigo no campo da psicanálise*. À medida que avança em seu argumento, Freud desconstrói a ideia de “leigo” como “não capacitado” para a tarefa da psicanálise.

## Desde o círculo freudiano, herança leiga

Na história do movimento psicanalítico, são muitas as contribuições importantes de analistas não-médicos e não-psicólogos, desde os primeiros discípulos de Freud, a exemplo de Otto Rank, Hans Sachs, Leopold Bernfeld, além de Theodor Reik. Participavam do círculo freudiano duas mulheres leigas, Lou Andreas-Salomé e Marie Bonaparte. Influentes no grupo e amigas próximas de Freud, elas também foram presenteadas com os famosos anéis reservados aos membros do Comitê Secreto (Roudinesco & Plon, 1998). Anna Freud fez escola na psicanálise infantil. Mas o melhor exemplo da contribuição de um leigo à teoria e técnica psicanalíticas, pelas ideias inovadoras e o conjunto da obra, foi Melanie Klein. Da escola kleinianas destacam-se os analistas não-médicos Joan Rivière, Susan Isaacs, Money-Kyrle e Betty Joseph, entre outros.

A Sociedade Psicanalítica Britânica historicamente manteve número significativo de membros analistas não-médicos, que contribuíram com seu pensamento original e produção teórica. Podemos citar Frank Philips e, nos tempos atuais, Christopher Bollas. A contribuição de psicanalistas franceses não-médicos e não-psicólogos para a psicanálise é notável: Jean-Bertrand Pontalis, Janine Chasseguet-Smirgel, Didier Anzieu, Julia Kristeva, Octave Mannoni e Maud Mannoni, dentre outros, todos com distintas formações anteriores: filósofos, escritores, críticos literários, historiadores, cientistas políticos.

A história da psicanálise no Brasil passa pelo pioneirismo e o gênio de Virgínia Leone Bicudo, uma mulher leiga e negra que abriu caminhos para a difusão da psicanálise e a formação de muitas gerações de analistas. Com formação em Sociologia, Virgínia Bicudo, educadora sanitária, foi a primeira mulher e primeira profissional não-médica a tornar-se psicanalista e analista didata na América Latina (Abrão, 2010; Castro, 2010). Ajudou a fundar a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e os pilares da formação psicanalítica na maior instituição do país. A supervisão com Melanie Klein, durante seus anos de formação na Sociedade Psicanalítica Britânica, delegou-lhe a condição de precursora das ideias kleinianas no Instituto de Psicanálise da SBPSP.

Virgínia Bicudo promoveu a disseminação da psicanálise em outras regiões e foi responsável por parte da enorme divulgação da doutrina freudiana no Brasil nos anos 1950 e 1960. Em 1970, introduziu a psicanálise em Brasília. O desafio lhe custou disposição para viagens aéreas semanais de São Paulo a Brasília, acompanhada por analistas didatas de São Paulo que a apoiaram para formar o primeiro grupo de psicanalistas da capital. Ronaldo Castro (2010), integrante dessa primeira turma, relata o espírito desbravador e entusiasta daquela mulher que empreendeu uma experiência pioneira na história internacional dos institutos de psicanálise.

A perseverança de Virgínia sedimentou as bases para a formação da Sociedade de Psicanálise de Brasília. Seu trabalho resultou numa tradição valiosa a Brasília: das poucas Sociedades que aceitam leigos no País (esse número vem aumentando), somos a que mais recebe esses profissionais de outras áreas para a formação psicanalítica. Entre os pretendentes que ingressaram no Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da SPBSB, desde 2012, 12% são médicos, 46% são psicólogos e 42% são profissionais vindos de outras áreas.

## Um saber leigo construído na experiência analítica

Esta imensa produção teórica e clínica de psicanalistas ditos leigos reforça a premissa freudiana, de que o saber e o fazer analítico não se aprendem em livros ou na universidade. Não é possível que esse aprendizado ocorra no campo técnico-científico da medicina ou da psicologia, nem no campo teórico universitário, uma vez que a formação do analista é leiga. Homem da ciência, Freud era leal à verdade de suas descobertas; lutou corajosamente para defender a psicanálise de parâmetros preestabelecidos. Sua descoberta de que há um saber do inconsciente incompatível com as normas vigentes do saber científico e que define a singularidade da pessoa levou-o a romper com o discurso médico. Esta postura causou forte reação de colegas médicos, incluindo alguns seguidores, que consideravam ter a prerrogativa do tratamento de neuróticos e se sentiam autorizados a denunciar o “charlatanismo” dos analistas não-médicos, sob alegação de proteger aqueles que procuravam a psicanálise.

Com o desenvolvimento da clínica, a colaboração de novos autores e o aprimoramento da técnica, a psicanálise avançou no terreno das psicoses, das estruturas narcísicas e de outras patologias graves. Curiosamente, essa expansão do domínio psicanalítico também serve de argumento para o movimento contra o ingresso de não-médicos e não-psicólogos.

Como entender, metodologicamente, essa ruptura com o discurso científico clássico? O método psicanalítico se assenta numa relação diferenciada entre dois e propõe uma escuta diferenciada do sofrimento psíquico de alguém. Mas, como o analista escuta seu paciente? E como lhe devolve algo que lhe sirva para lidar com uma dor que não pode ser tratada com fármacos ou métodos terapêuticos diretivos? Pois é uma dor que não *tem cheiro, nem sabor*, usando a metáfora de Bion.

O material clínico apresentado a seguir pode ajudar a pensar essas questões. Trata-se da análise de uma paciente jovem cujas sessões pareciam seguir o movimento de uma montanha-russa, que em nada correspondiam à imagem de *boa moça* que ela apresentava. Nos primeiros tempos de análise, as sessões eram preenchidas com relatos de seus relacionamentos controladores, que começavam como contos de fadas e sempre terminavam com um desfecho trágico. O castelo de sonhos poderia desmoronar de uma sessão para outra, num movimento oscilatório em que prevaleciam seus aspectos esquizoparanoídes. Ela atribuía ao parceiro toda a responsabilidade pelas tragédias pessoais e por seu desespero.

Ela não conseguia compreender esses estados de desintegração como algo que dizia respeito a ela e sua participação nos mal-entendidos característicos de suas relações. Havia uma expressão recorrente, ao final de uma desavença amorosa: “Como *ele pôde fazer* isso comigo?” Eu via uma criança incapaz de *fazer por si*; seu desespero me mobilizava.

Minhas interpretações eram no sentido de que ela estava sempre a esperar que *fizessem por* ela, até mesmo eu, e seu medo de ser abandonada a fazia consentir que *fizessem com ela* o que não suportaria. Em suas lembranças, uma verdade que havia sido então esquecida: a criança rejeitada pelo pai, um fato “negado” por ela, pois era ofuscado pela

presença de um padrasto amoroso em sua vida, mas que ficara presente em minha mente.

Quando ela pôde reconhecer a dor que parecer se ocultar, uma dor *sem cheiro e sem sabor* como sugeriu Bion, sua atenção voltou-se para seu sintoma. Passou a perceber o quanto suas escolhas recaíam em relacionamentos “montanha-russa” e a entrar em contato com sua intolerância à rejeição e à ausência do outro. Ela comunicava um novo estado de angústia: “Eu estrago tudo e não sei *fazer* diferente, sem enlouquecer”, o que deu lugar, aos poucos, à ideia: “Eu me sinto como uma criança abandonada, por isso não posso ser adulta”.

Mas um trabalho de análise diz respeito também à análise do próprio analista. Sem a experiência, a técnica é vazia, e a relação transferencial com esta paciente possibilitou à analista construir um saber, *a posteriori*, a partir do saber do inconsciente. Na relação paciente-analista, o *fazer com* foi dando lugar ao *ser com*. Novas narrativas surgiram da experiência compartilhada pela dupla; e uma abertura para a analisanda sair de uma posição passiva e assumir responsabilidade sobre sua vida e suas escolhas.

Esta ilustração clínica me ajuda a pensar a lógica da psicanálise, que tem seu fio condutor nos afetos e na experiência inconsciente. Em seu livro *A psicanálise “atual” na interface das “novas ciências”*, Antonio Muniz de Rezende desenvolve ideias que destacarei aqui e que permite dizer: se o analista se faz em sua própria experiência de análise, a lógica da psicanálise, é uma lógica “aprendida na experiência psicanalítica” (2001, p. 10).

Pode-se traçar, a partir dessa premissa, uma linha divisória entre o pensamento científico formal e o psicanalítico. A lógica da psicanálise tem uma condição afetiva e fundada em incertezas, possibilidades e construções de narrativas. Diferentemente da lógica clássica, baseada na certeza das ideias, na razão e na determinação dos fatos. Afinado às ideias de Bion, Rezende sugere que o pensamento psicanalítico é um movimento *de dentro para fora*, pois parte da experiência, enquanto outras ciências e modos de pensar fazem um movimento de fora para dentro, guiado por uma lógica já pronta.

Práticas terapêuticas diversas à psicanálise se apoiam na nosologia e eliminação de sintomas, redução de danos, cura de doenças no modelo médico e mudança de comportamento (Alves & Saad, 2009; Balbi, Lessa & Becker, 2009). A psicanálise não tem os mesmos objetivos. Nesse sentido, trabalhamos com um objeto claramente distinto, que não pode ser reproduzido nem refutado: o inconsciente emerge na narrativa do paciente, é um movimento de *dentro para fora* do qual fala Muniz Rezende.

A psicanálise mantém sua qualidade científica justamente na coerência da investigação do inconsciente. Se nos desapegarmos da ânsia de cura, se tentarmos nos distanciar da memória dos fatos narrados e conhecidos, do desejo de obter respostas e da compreensão da realidade interna da pessoa a partir de um caminho predeterminado – ou, como sugeriu Bion (1970/2006): se buscar estar *sem memória, sem desejo e sem ânsia de compreensão* –, possivelmente estaremos trabalhando na lógica da psicanálise.

Ao empreender com seu analisando a busca da verdade de sua realidade psíquica, que é um movimento *de dentro para fora*, o psicanalista abdica, por princípio, de uma busca por cura de acordo com preceitos científicos. Ele se vale da lógica da psicanálise, que se baseia na lógica do inconsciente. Segue o trabalho minucioso do contato com a realidade psíquica do dois ali presentes, analista e analisando, e busca lidar com as incertezas e possibilidades que se abrem para construir novas narrativas, novos sentidos que vão constituindo o tecido da análise.

Portanto, o *saber leigo* é um trabalho construído no dia-a-dia da experiência analítica. Exercício de renúncia e paciência que consiste no manejo artesanal de retirar da matéria-prima que é a fala do analisando o material inconsciente, tal como o escultor retira do bloco de pedra a estátua nela contida. No diálogo com seu interlocutor imparcial, Freud utiliza a metáfora de que o analista terá que “extrair do minério bruto o conteúdo de metal precioso” e deve “estar preparado para trabalhar muitas toneladas de minério” (1926/2014, p. 174). Assim, observa Freud, aprende-se muita coisa quando realmente se exerce a psicanálise.

Podemos relacionar a metáfora freudiana à proposta bioniana de que o analista trabalhe de *dentro para fora*, buscando descobrir na sua

prática analítica os instrumentos que lhe podem ser úteis para pensar com seu analisando. Se a lógica da psicanálise é aprendida na experiência (da própria análise), seu modelo não serve para as outras ciências, como também outros modelos não podem ser aplicados à psicanálise sem que sua essência seja distorcida. Temos os a regra fundamental da associação livre e atenção flutuante para trabalhar nosso objeto de investigação, a realidade psíquica, e no campo transferencial o trabalho de análise produz o saber que advém do inconsciente.

As ciências e a filosofia têm muito a nos dizer sobre a condição humana, dispensar esse conhecimento é privar o pensamento psicanalítico de sua vitalidade. Mas saberes antecipados não contribuem com a formação de um analista e o exercício da psicanálise, uma vez que consideram uma verdade que está do lado de fora. Considerar a verdade *do lado de dentro* é reconhecer a pessoa em sua singularidade e em sua condição humana conflituosa. A experiência analítica não muda essa condição, ela propicia à pessoa conhecer-se e busca devolver-lhe a responsabilidade sobre si mesma.

Um analista só pode avançar na investigação do inconsciente se ele se mantiver na posição de não-saber e levar em conta que o saber que interessa à análise é construído numa temporalidade e se revela no *depois*, a partir da experiência, criando então um *antes* que já passou. O mesmo que dizer: aprende-se o que já se sabia no inconsciente.

As psicoterapias se distanciam da psicanálise quando trabalham para eliminar sintomas, recorrendo a um conhecimento prévio para prescrição de condutas e procedimentos técnicos. O paciente é orientado com o “remédio” da sugestão para livrar-se de seus conflitos. Não se está questionando o valor terapêutico e eficácia das várias modalidades da clínica psicológica na solução de problemas e transtornos emocionais. O que está em discussão é a distinção entre os campos da psicanálise e da psicologia e a noção de que um psicólogo, tal qual um médico que busca determinantes físicos e o tratamento de sintomas, não tem preparo para ser analista, a não ser mediante uma formação específica para tal.

## Transmissão, formação e ofício da psicanálise

Desde sua implementação há quase um século, os requisitos de formação estabelecidos pela International Psychoanalytical Association (IPA) mantêm-se fundamentados no tripé da análise pessoal, ensino teórico e técnico e prática clínica supervisionada. Inicialmente a recomendação da IPA aos comitês de formação previa dois anos de estudos teóricos e análise didática, além das análises supervisionadas. Esse tempo de duração aumentou e critérios mais precisos eram discutidos a cada congresso da IPA. O modelo Eitingon estabelecido em 1925 já previa que analistas leigos deveriam passar por estudo e experiência em clínica psiquiátrica. Esse critério foi mantido pelos institutos de formação que aceitam profissionais não-médicos e não-psicólogos.

O Instituto de Psicanálise da Sociedade de Psicanálise de Brasília há 20 anos mantém convênio com clínica de saúde mental para estágio dos profissionais de outras áreas selecionados para a formação psicanalítica. No primeiro ano da formação, passam pelo aprendizado e convivência com pacientes psiquiátricos em atividades terapêuticas, participação em reuniões de equipe clínica multidisciplinar, supervisões e grupos de estudo de temas da psicopatologia. Para além do conhecimento adquirido e a familiaridade com a clínica psiquiátrica, o preparo do analista depende de uma sensibilidade para o que é inconsciente e reprimido (Freud, 1910/2013). A observação de Bion é provocativa: pode-se alegar que este método é subjetivo, não científico, mas não se conhece outro melhor (1974/1978).

No argumento em favor da análise leiga, Freud diz que um programa de ensino para o psicanalista *ainda está para ser criado*: deveria incluir as ciências humanas, psicologia, história da civilização, mitologia, sociologia, psicologia da religião, literatura, anatomia, biologia e também a história da evolução. Esta seria uma proposta ideal, ressaltou Freud. De um outro modo, Bion sugeriu o mesmo: o analista deveria ser, em seu consultório, como um poeta, um artista, um homem da ciência ou um teólogo. Desse modo estaria apto a fazer uma interpretação ou uma construção (1974/1978).

A psicanálise não se afina a nenhum modelo de ensino proposto pela universidade, em que pese a rica interlocução mantida entre ambas. No espaço acadêmico, o ensino da psicanálise só pode ser ministrado por meio de aulas teóricas, o que é válido para o saber científico, mas nada acrescenta à construção do analista que depende da própria experiência de análise. Como delegar à universidade a análise pessoal do estudante, com alta frequência de sessões analíticas e seu longo tempo de duração? Como garantir no espaço universitário uma experiência clínica supervisionada por muitos anos?

A formação do analista ocorre na transmissão da psicanálise e o que faz o analista e o autoriza à prática clínica é o contato com o inconsciente, propiciado pelo trabalho da transferência na relação com o outro que transmite a psicanálise. Não se justifica que o futuro analista deva passar antes por um curso de medicina ou psicologia. Freud defendia que a psicanálise deveria manter-se leiga, livre do poder médico e independente da universidade.

Temos aí um conflito de interesses que nos confronta com o problema da regulamentação da psicanálise, um espinho que a comunidade psicanalítica brasileira tenta afastar há décadas (Carneiro, 2013). Nos últimos 50 anos, mais de uma dezena de projetos de lei foram apresentados, sempre motivados por grupos que não tinham compromisso com o legado freudiano e defendiam interesses de organizações religiosas, educacionais ou mesmo de corporações de psicoterapeutas. Tentativas de inclusão da psicanálise no campo das psicoterapias levaram à mobilização, em 2000, de representantes de 65 instituições psicanalíticas, apoiadas por várias instituições não psicanalíticas. Nascia ali o movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras, que prossegue ativo na defesa da postura histórica do movimento psicanalítico internacional (Amendoeira, 2009).

Outro incômodo espinho é a autorregulação pretendida por alguns grupos de psicoterapeutas, inoportuna por buscar incluir a psicanálise na lista abrangente do universo *psi*. Em levantamento publicado no livro *O paciente, o terapeuta e o Estado*, Elisabeth Roudinesco (2005) identificou mais de 700 escolas de psicoterapia surgidas no mundo a partir de 1950 – segundo ela, em resposta à crescente demanda da sociedade por

cuidados psíquicos. Como afirma a historiadora e psicanalista francesa, nada mais pernicioso à psicanálise e à sua sobrevivência do que incluí-la numa mesma lista de práticas terapêuticas que não têm relação alguma com a ética psicanalítica.

Como ofício, a psicanálise não comporta um título de especialista registrado em um conselho profissional autorizando o psicanalista a praticá-la. A submissão a regras impostas pelo Estado e o engessamento institucional são incompatíveis com sua essência. Freud buscou proteger a psicanálise dos domínios estatal, religioso, médico, universitário, e mantê-la abrigada em instituições específicas lhe garantiria sua organização leiga (Freud, 1919/2010, 1928/1966).

O debate em favor da análise leiga historicamente dividiu opiniões no movimento psicanalítico internacional. Desde Theodor Reik, muitos sofreram a acusação de charlatanismo por representarem o heterogêneo, o estranho, o *outro* da ciência e da razão, que escapa às normas fixadas por um poder que se pretende hegemônico (Roudinesco, 2005). No Brasil dos anos 1950, quando o movimento psicanalítico em São Paulo conquistava autonomia e independência da medicina (Abrão, 2010), Virgínia Bicudo foi acusada de charlatanismo e sofreu pesados ataques da classe médica por desafiar um grupo que não queria perder a hegemonia. Pela sua liderança, personalidade destemida e larga exposição na mídia – e, acrescento, por ser negra e mulher em uma sociedade racista e machista, Virgínia tornou-se alvo oportuno de ataques. Não se rendeu às críticas e obteve com seu trabalho o respeito do meio científico no país.

### Da abertura para o inconsciente surge o analista

A instituição psicanalítica se enriquece com a diversidade de saberes contando com profissionais de outras áreas em sua composição. O analista “leigo” traz consigo a liberdade para pensar a partir de seus vértices. E, podemos arriscar a dizer, talvez uma maior possibilidade de abertura para a lógica do inconsciente.

Virgínia, leiga, mulher e negra, é nosso melhor exemplo de liberdade no pensar e no fazer psicanalítico. Tinha uma mente aberta, era firme,

sustentada pela fé na abertura da psicanálise e no que esta prática poderia oferecer ao indivíduo e à coletividade. Uma mente revolucionária que trabalhou para estimular a criatividade e a liberdade do futuro analista.

São muitos os depoimentos que reforçam nossa convicção de que não há análise que não seja leiga. O psicanalista Carlos de Almeida Vieira, da Sociedade de Psicanálise de Brasília, conta como, a partir de formação psiquiátrica, o analista foi surgindo, em um movimento *de dentro para fora*. Nos anos 1970, Vieira, no divã de Virgínia, disse à sua analista que a análise estava lhe proporcionando tirar o jaleco e renunciar à medicina. Aquela transgressão rendeu-lhe vários meses de labirintite – confusão e angústia na passagem a não institucionalizado para inserir-se no exercício da psicanálise. Antes de partir para a formação analítica, a psicanalista Fátima Rebouças Malva (SPBSB) sentia-se insatisfeita com o curso de psicologia. Seu panorama mudou quando leu o primeiro livro de Freud. Para ela, foi como uma luneta que se abriu para espreitar o universo; um caminho em direção ao infinito.

O depoimento de Avelino Machado Neto (SPBSB), psicanalista que também abdicou da medicina psiquiátrica, destaca nosso bem-vindo despreparo para o porvir. Sugere que leigo é o que, por ser ingênuo, não tem comprometimento com aquilo que já se conhece, mas tem uma disponibilidade com o desconhecido. “Estamos sempre despreparados, leigos e ingênuos para o que ainda não aconteceu... Saber disso nos deixa menos despreparados e mais prudentes, no sentido de que estaremos mais preparados para o imprevisível”<sup>3</sup> (Neto, 2020).

No livro de Muniz de Rezende, o psicanalista e coautor Ignácio Gerber (SBPSP) conta como iniciou sua formação psicanalítica. Vindo da engenharia, pareceu-lhe que esta formação anterior poderia atrapalhar seu percurso na psicanálise. Logo percebeu que sua prática anterior de engenharia tinha tudo a ver com a atual prática de psicanálise. “Em ambas, a procura de um sentido integrador a partir de estímulos dispersos: uma solução, um fato selecionado. E a música, coisa que sempre fiz e continuo fazendo vida afora” (Rezende & Gerber, 2001, p. 253)

3 Comunicação oral de Avelino Machado Neto em 21 de novembro de 2020.

Gerber desenvolveu um estudo profundo da obra do chileno Matte-Blanco, que introduz psicanálise com base em conceitos matemáticos. Para isso, valeu-se de sua experiência com a engenharia e com a música. Afirma que a prática da engenharia lhe trouxe um pensar abrangente, extraindo da física e da matemática a capacidade de transcender a compreensão racional e de desenvolver o pensar, sentir e fazer psicanalítico.

Minha formação psicanalítica foi precedida por vários anos dedicados à carreira jornalística e à reportagem política. Essa experiência me pôs interessada em analisar questões do poder, da ética e das motivações pessoais, da verdade e da mentira, e das relações do indivíduo político com o público e com o privado. Deixei o jornalismo e durante minha formação em psicanálise decidi cursar psicologia. Busquei nesta disciplina o que poderia buscar na filosofia: conhecer as diferentes abordagens do pensamento psicológico. A psicologia me foi útil para compreender o que não é psicanálise.

### La naturaleza profana del psicoanálisis

Resumen: La autora propone una discusión basada en la obra seminal de Freud de 1926, *La cuestión del análisis profano: diálogo con un interlocutor imparcial*, para apoyar la idea de que el psicoanálisis es profano por su naturaleza. Con este fin, utiliza proposiciones de Freud, Bion y Muniz de Rezende para trazar una línea divisoria entre el pensamiento científico formal y el pensamiento psicoanalítico. Utiliza varios ejemplos de la historia del movimiento psicoanalítico internacional y brasileño, en particular la historia de Virgínia Leone Bicudo, psicoanalista leiga y pionera, que dejó un precioso legado para la difusión y desarrollo del psicoanálisis en el Brasil. La autora sugiere que, sin las preconcepciones del conocimiento producido en los cursos de medicina y psicología, el analista, leigo por naturaleza, trae consigo una mayor posibilidad de apertura a la lógica del inconsciente.

Palabras clave: análisis profano, conocimiento laico, lógica del psicoanálisis, Virginia Leone Bicudo

### The lay nature of psychoanalysis

Abstract: The author proposes a discussion based on Freud's seminal work of 1926, *The Question of Lay Analysis: dialogue with an impartial interlocutor*, to support the idea that psychoanalysis is lay in nature. To this end, she uses propositions of Freud, Bion and Muniz de Rezende to draw a dividing line between formal scientific thought and psychoanalytic thought. She uses several examples from the history of the international and Brazilian psychoanalytic movement, specially the history of Virgínia Leone Bicudo, a lay psychoanalyst and pioneer, who left a precious legacy for the diffusion and development of psychoanalysis in Brazil. The author suggests that without the preconceptions of the knowledge produced in medical and psychology courses, the analyst, a layperson by nature, brings with him a greater possibility of openness to the logic of the unconscious.

Keywords: lay analysis, lay knowledge, logic of psychoanalysis, Virginia Leone Bicudo

### Referências

- Abrão, J. L. F. (2010). *Virgínia Bicudo: a trajetória de uma psicanalista brasileira*. Arte & Ciência.
- Alves, A. L. & Saad, L. A. -C. (2009). A psicanálise é leiga. In S. Alberti, W. Amendoeira, E. Lannes, A. Lopes & E. Rocha (Orgs.), *Ofício do psicanalista: formação versus regulamentação*. Casa do Psicólogo.
- Amendoeira, W. (2009). A articulação das entidades psicanalíticas brasileiras. In S. Alberti, W. Amendoeira, E. Lannes, A. Lopes & E. Rocha (Orgs.), *Ofício do psicanalista: formação versus regulamentação*. Casa do Psicólogo.
- Balbi, L., Lessa, M. & Becker, P. (2009). A psicanálise é leiga: da formação do psicanalista. In S. Alberti, W. Amendoeira, E. Lannes, A. Lopes & E. Rocha (Orgs.), *Ofício do psicanalista: formação versus regulamentação*. Casa do Psicólogo.
- Bion, W. (1978). *Seminários de Psicoanálisis*. (S. B. Abreu, Trad.). Paidós. (Trabalho original publicado em 1974)
- Bion, W. (2006). *Atenção e Interpretação*. (P. C. Sandler, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Carneiro, C. A. (2013, março). A prática da psicanálise. *Psique Ciência & Vida*, 7(87), 72-78.
- Castro, R. M. O. (2010). Virgínia Leone Bicudo – pioneirismo e criatividade. *Alter – Revista de Estudos Psicanalíticos*, 28(1), 29-34.

- Freud, S. (1966). *Correspondance de Sigmund Freud avec le pasteur Pfister (1909-39)*. Paris: Gallimard. (Correspondência de 1928)
- Freud, S. (2010). Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? História de uma análise infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1926-1929). In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 14, pp. 377-381, P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2013). Sobre psicanálise “selvagem”. Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910). In S. Freud, *Obras completas*, (Vol, 9, pp. 324-333, P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (2014). A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial. Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929) In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 17, pp. 124-230, P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926)
- Rezende, A. M. & Gerber, I. (2001). *A psicanálise “atual” na interface das “novas” ciências. O método psicanalítico e suas aplicações*. Via Lettera.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise* (V. Ribeiro, L. Magalhães, Trans.). Jorge Zahar.
- Roudinesco, E. (2005). *O paciente, o terapeuta e o Estado* (A. Telles, Trad.). Jorge Zahar.